

Nota Sobre o amadurecimento

Elsa Oliveira Dias

IBPW/IWA

Tendo esgotado a 4ª edição brasileira de meu livro *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, preferi fazer apenas uma reimpressão em meados de 2021, pois ponderei, naquele momento, que as modificações que eu introduzira não eram suficientes para justificar uma nova edição. Pois bem, dou-me conta agora de que uma 5ª edição teria sido justificada, já que eu poderia ter acrescentado uma esclarecedora nota de rodapé, escrita para a edição inglesa do livro que veio à luz em 2016, pela Karnac Books, com o título *Winnicott's Theory of the Maturational Processes*. A nota, incluída na Introdução, tinha o intuito de justificar para o leitor inglês a minha preferência pelo uso, da expressão *maturational processes* (processos maturacionais) e não *emotional development* (desenvolvimento emocional). Eis a nota:

Até o início de 1960, a expressão que Winnicott mais frequentemente usou para referir-se ao seu tema central e à sua teoria foi *emotional development*. Ele sempre se preocupou em esclarecer que o desenvolvimento no qual estava interessado não dizia respeito ao crescimento do corpo ou das funções mentais – ou melhor, não se referia a nenhuma função parcial e nem mesmo a uma progressão de aptidões –, mas primeiramente à integração, na pessoa em questão, de qualquer um desses aspectos. Num artigo publicado em 1960, "Considerations regarding the Parent-Infant relationship", Phyllis Greenacre usou a expressão "processos maturacionais". Greenacre não foi a primeira nem a única a usar essa expressão, mas talvez tenha sido a primeira a enfatizar o papel crucial do contato e do cuidado materno nesses processos e foi isso que atraiu sobremaneira Winnicott. O ponto que lhe interessava não era exatamente o de Greenacre, mas ele deu-se conta de que era essa a expressão de que necessitava para tornar mais preciso o que queria dar a entender por "desenvolvimento emocional". Para além dos vários desenvolvimentos que ocorrem ao longo do tempo, os "processos maturacionais" dizem respeito basicamente à integração de todos esses aspectos na pessoa que amadurece, e essa integração requer, impreterivelmente, para realizar-se, um ambiente facilitador. Os processos maturacionais implicam, portanto, dependência. Com isso, não só vamos encontrar Winnicott se referindo à sua teoria dos processos maturacionais mais e mais frequentemente a partir de 1960, como ele incluiu essa expressão no título de seu livro *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*, publicado em 1965. Esta foi a razão pela qual, tentando guardar a especificidade do que Winnicott pretendia, escolhi chamar o presente estudo de *D. W. Winnicott's Theory of the Maturational Processes*. Contudo, seguirei Winnicott e, no interior do texto, usarei algumas vezes as expressões "desenvolvimento emocional" ou "pessoal" e "maturação" ou "processos maturacionais" como sinônimos.

No XXII Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em 1961, em Edimburgo, o artigo de Greenacre mencionado na nota foi debatido juntamente com o artigo de Winnicott,

"The Theory of the Parent-Infant Relationship", também publicado em 1960 e, mais tarde, como capítulo 3 de *O ambiente e os processos de maturação* (1965). Segundo o próprio Winnicott, foi tal o seu entusiasmo com a expressão, que ele não só passou a usá-la com frequência em seus escritos, a partir de 1961, como aplicou-a ao título de seu livro *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*, de 1965.

Em sua contribuição à discussão no Colóquio de Edimburgo, em 1961, Winnicott assinalou:

Naturalmente, é importante para mim que haja um certo grau de concordância entre a Dra. Greenacre e eu mesmo. Exemplificando, ambos presumimos os processos maturacionais [*maturational processes*] inatos do bebê e os vemos em um *setting* de dependência. (1962c/1994, p. 59-60)

Em 1967, ao descrever aos colegas o seu percurso teórico, ele disse:

Chegamos agora ao meio ambiente facilitador e ao processo maturacional. Existe aqui algo de Greenacre que eu tomei sem reconhecê-lo, particularmente ao desenvolver as teorias que cercam os processos maturacionais, a hereditariedade e as tendências que contribuem para criar um ser humano, bem como a interação disto com o meio ambiente. (1967/1994, p. 440)

Numa nota de rodapé, em 1968, ele reconhece a sua dívida com Greenacre:

Ao escolher *The Maturational Processes and the Facilitating Environment* como título de meu livro [...], [eu] estava demonstrando quanto fui influenciado pela Dra. Phyllis Greenacre (1960) no Congresso de Edimburgo. Infelizmente, falhei em não colocar no livro um reconhecimento deste fato. (1968b/1994, p. 173)

Pode-se facilmente constatar que, a partir de 1961, Winnicott passou a falar preferencialmente de processos maturacionais. Isso revelava – e esse é um ponto que gostaria de destacar nesta nota – que ele nunca esteve totalmente satisfeito com o termo “desenvolvimento”, mesmo acrescido de “emocional”. Não é difícil explicar as razões internas dessa mudança de terminologia. Ele precisava de uma expressão que apontasse especificamente para a apropriação, ou, mais exatamente, para a integração, no indivíduo, dos vários possíveis desenvolvimentos que ocorrem a partir do potencial hereditário, uma vez garantida a facilitação ambiental. No capítulo 4 de *O ambiente e os processos de maturação*, se lê: “A tendência principal no processo maturacional está contida nos vários significados da palavra integração” (1962b/1983, p. 60). O processo de amadurecimento é o processo propriamente integrativo: os vários desenvolvimentos se integram para perfazer uma pessoa, um eu.

Há tempos que Winnicott se debatia com essa diferença semântica, sutil e importantíssima, entre desenvolvimento e integração (amadurecimento), propriamente dita. Em seu texto de 1949 sobre a experiência do nascimento, por exemplo, utilizando a terminologia

de Glover, ele assinala a “dificuldade de descrever o ego fraco [isto é, a tendência fraca à integração] do indivíduo imaturo, sabedores que somos da tremenda força de cada um desses núcleos de ego. O que é fraco é a integração da organização total do ego” (1949/2000, p. 266). Ou seja, pode haver muitos desenvolvimentos sem que haja integração.

Também na resposta de Winnicott a Jeannine Kalmanovicz, sua tradutora para o francês, que lhe perguntou sobre o sentido do termo *self*, fica clara essa distinção entre os vários desenvolvimentos e o processo de integração. O trecho está reproduzido em seu artigo “As bases para o si-mesmo no corpo” (1970):

Para mim o self, que não é o ego, é a pessoa que eu sou, que somente eu posso ser, que possui *uma totalidade* baseada no funcionamento do *processo de amadurecimento (maturational processes)*. Ao mesmo tempo, o *self* é constituído de partes, é formado por essas partes. Essas partes aglutinam-se na direção de dentro para fora, no decorrer do processo de amadurecimento, ajudadas, como precisam ser (no início, ao máximo), pelo ambiente humano que sustenta e maneja e facilita as coisas de uma maneira viva. (1970/1994, p. 210; *itálicos meus*)

Em 1968, no artigo, “Sum: eu sou”, esse mesmo ponto reaparece:

Meu ofício consiste em ser eu mesmo. Que pedaço de mim mesmo posso dar a vocês, e como posso lhes dar um pedaço sem parecer que perco a totalidade? Preciso assumir que vocês possam suportar minha totalidade e também um certo grau daquela forma de amadurecimento [*form of maturation*] que denominamos integração, e eu preciso escolher apenas um ou dois dos elementos que vão compor a unidade que sou EU. (1968a/ 1989, p. 55; corrigi parcialmente a tradução brasileira)

Tudo isso dito, depreende-se com clareza que o que, nos anos anteriores a 1961, Winnicott pretendia dizer com a expressão *emotional development*, ele percebeu que diria melhor com a expressão *maturational processes*. Com ela, foi-lhe possível não apenas especificar com mais precisão o seu conceito nuclear, sua teoria dos *maturational processes*, mas também evitar que esta fosse tomada como mais uma entre as várias teorias do desenvolvimento formuladas no campo da psicologia e da psicanálise, as quais se referem em geral ao desenvolvimento de aptidões específicas, sem menção ao modo como passam a pertencer ao indivíduo. O indivíduo, que cresce e se desenvolve, terá ainda que se apropriar do que alcança – essa é a tese de Winnicott – como uma conquista própria no caminho para a autonomia; caso contrário, o que quer que tenha se desenvolvido não será propriamente dele, como algo que lhe pertence. É para resguardar essa diferença essencial que o termo “amadurecimento” se torna obviamente muito mais apropriado do que “desenvolvimento”, o que, infelizmente para o entendimento de Winnicott, foi negligenciado por uma boa parte dos seus comentadores.

Uma outra especificidade do “amadurecimento” em relação ao desenvolvimento deve ainda ser enfatizada: embora o desenvolvimento de dada aptidão precise de algum tipo de auxílio ambiental para ser bem-sucedido, o amadurecimento necessita de um tipo específico de favorecimento: a *adaptação ativa* às necessidades que surgem da dependência, adaptação essa orientada pela capacidade materna de identificação com o bebê. A palavra-chave aqui é “dependência” (1962a/1983, p. 43).

É o estado de dependência do bebê – aliado ao seu estado de não-integração – que requer esse tipo específico de cuidado, o qual põe em andamento o processo integrativo. Já no que se refere aos vários desenvolvimentos, não há a ideia específica da dependência, propriamente dita, de um ambiente provedor. A integração, contudo, e com isso, o fortalecimento crescente do si-mesmo e do eu só podem ocorrer na presença de um ambiente que seja não somente adequado, mas que se adapte ativamente ao bebê específico que acaba de nascer. É somente pela adaptação ativa que um ambiente é verdadeiramente facilitador.

[A partir de 1960] descobri haver alcançado uma compreensão mais profunda, da que havia tido antes, sobre a função dos pais em termos deste problema, da maneira pela qual os bebês sobrevivem à imaturidade. Vi com mais clareza do que antes que, ao introduzir o mundo à criança em pequenas doses, isto é, na adaptação da mãe às necessidades de ego de seu bebê, ela concede tempo para *o desenvolvimento das ampliações dos poderes do bebê que chegam com o amadurecimento*. (1962c/1994, p. 59-60; itálicos meus)

Uma vez disponível a expressão que ajudou Winnicott a designar o aspecto fundamental da constituição unitária do indivíduo humano, a integração, e que era um desdobramento natural de sua concepção de saúde e doença, esta passou a ser utilizada para falar das patologias do amadurecimento. Para se referir à saúde, Winnicott sempre utilizou o termo *maturity* e *immaturity* para caracterizar os distúrbios – quando alguma maturidade já é esperada e, contudo, não se dá. A distinção entre maturidade/imaturidade vs desenvolvimento fica particularmente clara nos casos da personalidade de tipo falso si-mesmo, pois um dado indivíduo pode dispor de uma mente ou uma capacitação prática altamente desenvolvida, que até lhe garante uma posição de sucesso, sem, contudo, ser maduro. Falta integração. Um obstáculo à integração do indivíduo num eu unitário, obstáculo produzido por falha ambiental, “é a dissociação que se verifica nos casos *borderline*, em termos do verdadeiro e do falso si-mesmo” (Cf. 1965/1983, p. 15).

Mas pode também haver amadurecimento sem desenvolvimento. No envelhecimento, por exemplo, não há propriamente desenvolvimento, embora a maturidade deva comportar o crescimento para menor (*growing smaller* ou *growing downwards*). A morte é, para Winnicott,

o selo derradeiro da saúde. Mas, diz o autor, “não há morte, exceto considerando-se uma totalidade” (1968/1989, p. 48). Embora não se possa dizer que haja desenvolvimento na morte, deve-se considerar que alguma maturidade seja requerida para, no dizer do autor, se passar sem muito esforço pelo buraco estreito da morte.

À medida que a teoria da patologia maturacional evoluiu, foi ficando cada vez mais clara, a Winnicott, a necessidade de dar ênfase à integração, devido à gravidade que a ausência desta representava. Desde há muito ele já assinalava que, no que se refere ao estágio mais primitivo, “o atraso ou falha na integração primária predispõe à desintegração...” (1945/2000, p. 224). Não é, portanto, de estranhar a sua afirmação de que a esquizofrenia pode ser teorizada “como um desfazimento dos processos de amadurecimento [*maturational processes*] das fases iniciais da infância” (1964a/1988, p. 42). Haver, ou não, integração torna-se, por vezes, um assunto da maior gravidade, uma questão de vida ou morte:

Os processos de integração, de separação, de conseguir viver no corpo e de relacionar-se com objetos, são, todos eles, questões de amadurecimento [*maturation*] e de conquista [*achievement*] [...]. Inversamente, o estado de não ser separado, de não ser integrado, de não estar relacionado a funções corporais, de não se achar relacionado a objetos, este estado é muito real; precisamos acreditar nestes estados que pertencem à imaturidade. O problema é: como o bebê sobrevive a tais condições? (1961/1994, p. 59-60)

Não somente para se compreender o processo de amadurecimento do indivíduo na situação original, mas também para se pensar a clínica winnicottiana (uma vez que se trata, em ambos os casos, da provisão ambiental para que o amadurecimento ocorra ou volte a acontecer nos casos em que foi interrompido ou distorcido), transcrevo aqui o final do texto “A importância do *setting* no encontro com a regressão na psicanálise” (1964b/1994), em que Winnicott sumariza alguns princípios essenciais ao trabalho que propõe:

O enunciado básico é que o desenvolvimento emocional é um processo de amadurecimento ao qual se adiciona um crescimento baseado na acumulação de experiências.

O processo maturacional é o que é herdado.

Ele não se torna real, exceto em um meio ambiente facilitador.

O meio ambiente facilitador precisa ser estudado em relação aos detalhes do processo maturacional.

O processo maturacional inclui a integração sob suas variadas formas, a saber:

1. A moradia da psique no soma.

2. O relacionamento objetal.

3. A interação dos processos intelectuais com a experiência psicossomática.

(1964b/1994, p. 80)

Ficam, então, aqui registradas as razões pelas quais preferi ficar com a escolha mais tardia e mais precisa de Winnicott – *maturational processes*. Na tradução da terminologia

winnicottiana para o português, outra questão se apresentou: como o termo “maturação” tem uma conotação nitidamente biológica, que deve ser evitada, preferi “amadurecimento” para traduzir *maturation*. De fato, em nossa língua, diz-se de uma pessoa que ela é amadurecida ou imatura e não que é maturada. Neste ponto, difiro de uma boa parte das traduções brasileiras de Winnicott e de vários de seus comentadores.

Um traço marcante de toda grande obra – e com certeza da de Winnicott – é a unidade interna do pensamento: cada palavra é importante na inteligibilidade do todo. Os termos precisam ser utilizados, portanto, segundo o critério do autor. Winnicott era extremamente cuidadoso na escolha dos termos em que versava a sua teoria, para poder preservar o sentido novo e próprio que queria dar ao conceito. Desenvolvi esse aspecto de sua linguagem em meu texto “O vocabulário da revolução paradigmática”, publicado no livro *Winnicott e a Filosofia*, organizado por Caroline Vasconcelos Ribeiro e Eder Soares Santos (DWWeditorial, 2021) ao qual remeto o leitor interessado.

Referências:

- Dias, E. O. (2021) O vocabulário da revolução paradigmática. In C. V. Ribeiro e E. S. Santos (orgs.), *Winnicott e a Filosofia*. (pp. 41-110). São Paulo: DWWeditorial.
- Greenacre, P. (1960). Considerations Regarding the Parent-Infant Relationship. *The International Journal of Psychoanalysis*, XVI(6), 571-583.
- Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1949). Recordações do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 254-276). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1962a). Teoria do relacionamento parento-infantil. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 38-54). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1962b). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 55-61). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1962c). Observações adicionais sobre a teoria do relacionamento parento-filial. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 59-61). Porto Alegre: Artmed, 1994.
- Winnicott, D. W. (1964a). O recém-nascido e sua mãe. In D. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp. 29-45). São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- Winnicott, D. W. (1964b). A importância do *setting* no encontro com a regressão na psicanálise. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 77-81). Porto Alegre: Artmed, 1994.
- Winnicott, D. W. (1967). D. W. W. sobre D. W. W. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 433-444). Porto Alegre: Artmed, 1994.
- Winnicott, D. W. (1968a). Sum: eu sou. In D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 43-50). São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- Winnicott, D. W. (1968b). O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 171-177). Porto Alegre: Artmed, 1994.
- Winnicott, D. W. (1970). As bases para o si-mesmo no corpo. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 203-211). Porto Alegre: Artmed, 1994.